

# FELIPE DE SOLMS, UM CINEASTA ESPANHOL EM PORTUGAL

*Felipe de Solms, a spanish filmmaker in Portugal*

DOI: <http://dx.doi.org/10.12795/RiCH.2021.i17.08>

Recibido: 5-5-2021

Aceptado: 5-10-2021

Alexandre Ramos  
CIDEHUS – Universidade de Évora

[aramos@uevora.pt](mailto:aramos@uevora.pt)

ORCID  0000-0003-3872-5536

Paulo Miguel Martins

ICSTE – IUL

[pmartins.pm@gmail.com](mailto:pmartins.pm@gmail.com)

ORCID  0000-0002-3323-7405

Como citar este artículo:

RAMOS, Alexandre, y MARTINS, Paulo Miguel (2021): "Felipe de Solms, um cineasta espanhol em Portugal", en *Revista Internacional de Historia de la Comunicación*, (17), pp. 157-181. <http://dx.doi.org/10.12795/RiCH.2021.i17.08>

**Resumo:** *Um cineasta nascido em Madrid em 1916, mas que ainda jovem se viu envolvido nas disputas políticas entre apoiantes do regime de Franco e os seus opositores. Trabalhou na França sob ocupação nazi e depois de um processo judicial nos tribunais espanhóis, instalou-se em Portugal. Aí desenvolveu uma grande produção cinematográfica, realizando dezenas de filmes, muitos deles também filmados nas colónias portuguesas em África, especialmente em Angola e Moçambique. No final da sua vida estabeleceu-se no sul de França, perto de Cannes, onde veio a falecer.*

**Palavras-Chave:** *Felipe de Solms; Cinema de Propaganda; Cinema colonial português; Portugal; África.*

---

**Abstract:** *Felipe de Solms was a filmmaker born in Madrid in 1916. Solms was involved in political disputes between francoism's supporters and his opponents. He worked in France under the Nazi occupation and after a judicial process in the Spanish courts, he settled in Portugal. There he developed a great film production, making dozens of films, many of them also filmed in the Portuguese colonies in Africa, especially in Angola and Mozambique. At the end of his life, he settled in the south of France, near Cannes, where he died.*

**Keywords:** *Felipe de Solms; Propaganda Films; Portuguese Colonial Films; Portugal; Africa.*

## Introdução

O objetivo deste artigo<sup>1</sup> é descrever o percurso profissional e pessoal do jornalista e cineasta espanhol Felipe de Solms. Enquanto profissional de cinema, De Solms desenvolveu a maior parte da sua vasta atividade cinematográfica em Portugal, tanto no território que se considerava a “metrópole” como nas colónias, especialmente em África. Ao longo da sua carreira desempenhou diversas funções na área do cinema. Começou como operador de câmara e, mais tarde, assumiu as funções de realizador e a produtor. A sua biografia e percurso é pouco conhecido, quer no seu país natal, Espanha, quer em Portugal onde durante cerca de vinte anos. Desta forma, é a primeira vez que num único artigo se compendia os aspetos da sua vida profissional e pessoal em França, Espanha e Portugal. Ao que podemos apurar até ao momento, esta publicação tem a vantagem de condensar e interligar “as vidas” de Solms nestes três países e nas antigas colónias portuguesas.

Para efetuar este estudo, por um lado, recorreremos principalmente ao testemunho direto que o próprio Felipe de Solms deixou em depoimentos na imprensa da época, mas também ao que ficou registado sobre a sua atividade nas conversas que sobre ele muitos outros cineastas foram deixando por escrito e em entrevista. Por outro lado, o

---

<sup>1</sup> Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/00057/2020

testemunho por nós recolhido recentemente com familiares que colaboraram diretamente com Solms, foram essenciais para a recolha e complemento dos escassos dados mais autobiográficos existentes.

Numa lógica de guiar o leitor, iniciamos o artigo com o estudo da evolução da sua carreira inventariando, desse modo, as diversas obras que foi realizando (e produzindo), descrevemos os locais por onde residiu e, posteriormente, abordaremos alguns aspetos da sua vida pessoal. Assim, neste artigo é apresentado a identificação dos seus filmes e documentários, bem como a contextualização de cada obra, o que possibilita aprofundar alguns aspetos que são importantes para os estudos do Cinema em Portugal. Por exemplo, qual a motivação do realizador em determinado momento; quem lhe encomendou em concreto um filme; que financiamentos é que conseguiu e que possibilitaram desenvolver os seus projetos; e por fim, vão sendo indicados ao longo destas páginas os vários colegas, sócios e outros intervenientes com os quais foi trabalhando. Todos estes protagonistas contribuíram de diferentes maneiras para o crescimento da atividade cinematográfica portuguesa. Desta forma, a análise deste percurso biográfico procura contribuir para um maior conhecimento sobre a atividade cinematográfica portuguesa realizada em Portugal e nas antigas colónias.

## 1 Felipe de Solms, um jornalista espanhol na França ocupada

Felipe de Solms Davids nasceu em Madrid em 1916, mas foi educado em França onde fez o bacharelato de Finanças (Moreno Cantano, 2017, p. 119). Era filho do alemão nacionalizado espanhol Willy J. Solms, que mais tarde adotou o nome de Guillermo W. Solms y Solms, um próspero investidor que foi presidente da sociedade Santánder – Mediterráneo da Compañía del Ferrocárril Estratégico Santander – Burgos – Soria – Calatayud, S.A (Hermenegildo, 2015; Santos Ganges & Lalana Soto, 2009). Graças a esta posição, o pai de Felipe manteve contactos privilegiados com a monarquia e com a ditadura de Primo de Rivera, vivendo parte da sua vida em Paris (Saldaña, 1930).

Em abril de 1939, Felipe de Solms foi nomeado alferes provisional de infantaria na Academia Militar de Granada, ficando destacado no Corpo do Exército de Castilha. Algum tempo depois foi nomeado chefe de imprensa da Falange em Paris e correspondente do Diário de Barcelona. Após a ocupação nazi de Paris em 1940, começou a colaborar com a embaixada da Alemanha, mais concretamente, como locutor na Emissora de Paris. Além de que foi, ainda, redator em algumas publicações locais como *Les Nouveaux Temps* (1940 – 1947) (Moreno Cantano, 2017, pp. 120–121).

Porém, o seu trabalho não era bem visto nem por alguns dos seus pares, nem por certas fações falangistas que acusavam os jornalistas espanhóis em França de estarem a fazer um trabalho deficitário na promoção da “Nova Espanha” no estrangeiro.

Uma contenda com um compatriota seu, também jornalista, culminou com De Solms a ser julgado, entre julho e agosto de 1942, num Tribunal de Honra em Paris organizado pelo Sindicato de Imprensa Estrangeira. Foi acusado de ser judeu devido aos seus traços físicos e ao seu nome “Davids”. A estas acusações juntaram-se outras: as de manobras judias para não combater na Guerra Civil Espanhola; de ser crítico de Hitler; e de desvio de fundos no total de 200 francos. Na resolução do tribunal, De Solms foi obrigado a retratar-se da sua conduta e a pedir desculpa pelos seus artigos críticos de Hitler. O Tribunal considerou que à lei espanhola De Solms era católico e espanhol, contudo, de acordo com as leis raciais francesas e espanholas não se podia considerar ariano (Moreno Cantano, 2017, pp. 123–125).

Resolvido o conflito em solo francês, De Solms foi interrogado em Espanha em setembro de 1942 por contrabando, vida ostentosa e pelo desaparecimento de 200 francos. Os interrogatórios determinaram que De Solms estava envolto numa atmosfera prejudicial ao prestígio e boa moral de Espanha e da imprensa espanhola no estrangeiro. Por essa razão, foi inabilitado de exercer a sua atividade como jornalista e foi-lhe retirada a carteira profissional emitida pela Delegação Oficial de Imprensa. Sem dúvida, estes processos deixaram uma mácula no currículo de Felipe de Solms quer na França ocupada, quer na Espanha franquista. Talvez por essa razão tenha exercido a maior parte da sua vida profissional como cineasta fora do seu país natal, nomeadamente em Portugal e nas suas colónias (Moreno Cantano, 2017, pp. 125–129).

## 2 Portugal, um porto seguro para De Solms

“Felipe de Solms não é um desconhecido em Portugal. Já em 1941 como correspondente da imprensa, se distinguiu nos jornais franceses e espanhóis com os seus artigos focando a nossa Pátria como a Hospedaria do Mundo, no tempo em que todos os refugiados procuravam a paz de Portugal. Estas crónicas, valeram-lhe as felicitações de António Ferro, então Director do SNI – Secretariado Nacional de Informação, o órgão oficial de propaganda. Foi a pedido de António

Ferro<sup>2</sup> que se encontrou em Paris, em 1947, com o produtor e realizador António Lopes Ribeiro<sup>3</sup>, vindo então a Portugal nesse mesmo ano para trabalhar na Secção da Câmara Municipal de Lisboa, por ocasião das comemorações da Tomada de Lisboa. Ali trabalhou, sob a direção de Lopes Ribeiro, com a mesma probidade profissional, demonstrada em Espanha e França, debaixo das ordens do diretor francês Abel Gance” («Felipe de Solms, o cinema nas províncias ultramarinas e a amizade luso-espanhola», 1951).

De facto, entre 1948 e 1952, De Solms trabalhou com o prestigiado realizador Abel Gance<sup>4</sup> no projecto *La Divine tragédie* (Sené, 2003) e, já residente em Portugal, passou a ser correspondente dos jornais espanhóis *Informaciones* (Madrid) e do *Notiziario* (Saraçoça) («As colónias portuguesas possuem ricos elementos etnográficos e folclóricos para grandes trabalhos de cinematografia - declara-nos o produtor Felipe de Solms recém-chegado de Moçambique», 1951). Quanto ao início da sua longa carreira em Portugal, Solms corealizou a longa-metragem documental de Lopes Ribeiro *Quinze anos de obras públicas* (1948)<sup>5</sup> para o Ministério das Obras Públicas e as curtas-metragens *Problemas de Trânsito* (1948) e *Vinhos de Portugal* (1949)<sup>6</sup>, respetivamente encomendadas pela Polícia de Trânsito e pela Junta Nacional do Vinho. Noutra colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa realizou a série Jardins de Lisboa composta pelos episódios: *Jardins Particulares* (1949), *Jardins Públicos* (1949), *Miradoiros* (1949) e *Parques Municipais* (1949). Note-se que nestes dois anos colaborou com alguns dos cineastas e técnicos que irão nas décadas seguintes fazer parte das suas

---

2 António Ferro (1895-1956), apelidado por Orlando Raimundo como “o inventor do salazarismo”, foi jornalista, cronista, ficcionista, poeta e político. Foi diretor do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN). É impossível compreender a propaganda e a originalidade do regime do Estado Novo em Portugal sem se conhecer a figura de Ferro. Ver (Raimundo, 2015)

Para além do seu contributo para as artes, para a propaganda e para a divulgação de Portugal e do regime então vigente durante as décadas de 1930 e 1940, António Ferro é, também, hoje reconhecido pelas suas entrevistas aos ditadores europeus, nomeadamente a António Oliveira Salazar, Benito Mussolini (que entrevistou três vezes em Roma), Primo de Rivera e Mustafa Kemal Atatürk. “Entrevistou” (colocou apenas três questões) Adolf Hitler e tornou-se “o primeiro jornalista do mundo que se dirigiu a Hitler em francês” (Ferro, 1930).

3 Crítico, jornalista e produtor de cinema, António Lopes Ribeiro (1908-1995) foi um nome central na história do cinema português na primeira metade do século XX. Pioneiro da crítica de cinema em Portugal, desde meados dos anos 1920, defendeu as vanguardas cinematográficas europeias e a renovação estética e técnica do cinema português. Em 1929 viajou pela Europa para conhecer o Cinema europeu em primeira pessoa e foi até Moscovo, tendo contactado com Eisenstein e Dziga Vertov. Produziu e realizou vários documentários de propaganda encomendados pelo Estado Novo, ganhando assim o epíteto de cineasta oficial do regime. Ver (Cinematoteca Portuguesa - Museu do Cinema, 2018)

4 Sobre Abel Gance ver: <https://www.imdb.com/name/nm0304098/>

5 Ver filme completo em: <http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/4323/Quinze+Anos+de+Obras+P%C3%BAblicas>

6 Ver filme completo em <http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/6539/Vinhos+de+Portugal>

equipas técnicas, quer em Portugal Continental quer no Ultramar, como é o caso dos realizadores Carlos Marques, João Mendes e o locutor Pedro Moutinho.

### 3 Felipe de Solms, o cinema nas províncias ultramarinas e a amizade luso-espanhola

Em setembro de 1949 De Solms e o também realizador-produtor Ricardo Malheiro partem para as duas maiores colónias portuguesas de África. O primeiro foi para Moçambique e o segundo para Angola, nestas províncias realizaram uma série de documentários patrocinados pelo ainda designado Ministério das Colónias (MC) e pela Agência Geral das Colónias (AGC).

Em Moçambique, De Solms começou por realizar e produzir (juntamente com Malheiro) *Lourenço Marques* (1950)<sup>7</sup> e *Beira* (1950)<sup>8</sup> com os apoios dos respetivos municípios. Produziram o documentário realizado por Carlos Marques *Chá* (1950)<sup>9</sup> para a Junta de Exportação da Colónia de Moçambique que contou igualmente com os apoios da província da Zambézia e das empresas locais deste sector de atividade; e a série de documentários económicos *Riquezas de Moçambique* (1950) composta pelos episódios 1 - *Açúcar*, 2 - *Copra*, 3 - *Frutas*, 4 - *Madeiras*, 5 - *Óleos Vegetais*. Fora do âmbito da chancela do MC e da AGC, a dupla produziu também durante esta estadia o filme *O Benfica em Lourenço Marques e Joanesburgo* (1950)<sup>10</sup>.

No que concerne aos resultados desta missão em Angola promovida pelo MC e a AGC, De Solms coproduz os documentários realizados por Ricardo Malheiro: *Luanda, Cidade Feiticeira* (1950)<sup>11</sup>; *Lobito, Cidade do Progresso* (1950)<sup>12</sup>; *O Ensino em Angola* - na versão

---

7 Ver filme completo em <http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/2420/Louren%C3%A7o+Marques>

8 Ver filme completo em <http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/909/Beira>

9 Ver filme completo em: <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=3619&type=Video>

10 Ver filme completo em: <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=19370&type=Video>

11 Ver filme completo em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2110&type=Video>

12 Ver filme completo em <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2203&type=Video>

francesa *L'Enseignement en Angola* - (1950)<sup>13</sup> para a Repartição Central dos Serviços de Instrução Pública de Angola; e *O Karakul em Angola* (1950)<sup>14</sup> para a Junta de Exportação da Colónia de Angola. Tal como em Moçambique, aproveitaram ainda, mas agora em colaboração com a Tobis e a Lisboa Filme, para filmar a digressão do Sport Lisboa e Benfica por África de que resultou o filme realizado por De Solms *O Benfica em Angola* (1950)<sup>15</sup>.

Os objetivos das filmagens nestas duas colónias seguiram o mesmo padrão: produção de documentários sobre as principais cidades, sobre algumas das mais relevantes atividades económicas e sobre a promoção social da população, que segundo a narrativa podia ser alcançada pelo trabalho e pela educação, ou seja, o mérito. Estes filmes tinham em comum a presença omnisciente do narrador e a ausência do discurso direto. Existiam três elementos-chave a partir dos quais eram desenvolvidas as narrativas: o direito histórico de Portugal possuir um Império; o desenvolvimento económico e social das populações (colonos e colonizados); e a exploração dos recursos naturais como prova da colonização efetiva das colónias. Era um discurso ainda influenciado pelo contexto geopolítico desenvolvido no período entre as duas guerras mundiais, que entre outros aspetos procurava demonstrar que a real exploração dos recursos naturais garantia o direito à colonização.<sup>16</sup> Contudo, já se vislumbravam algumas influências dos “ventos de mudança” que começavam a pôr em causa as fundações do colonialismo europeu do pós-Segunda Guerra. Por exemplo, começa-se a verificar uma preocupação em demonstrar as ações da administração colonial em prol do desenvolvimento socioeconómico das populações europeia e africanas.

Esta viagem de De Solms & Malheiro às colónias ajudaram a estabelecer ou a confirmar o paradigma de atuação dos produtores-realizadores estrangeiros e dos metropolitanos<sup>17</sup> que trabalhavam no Império, depois renomeado Ultramar Português. Estes deslocavam-se às colónias, designadas oficialmente de “províncias ultramarinas” após 1951, geralmente por duas razões: para realizarem um filme por encomenda; ou

---

13 Ver filme completo em <http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2127&type=Video>

14 Ver filme completo em <http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2090&type=Video>

15 Ver filme completo em <http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=19373&type=Video>

16 Sobre a evolução do discurso colonial português no período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e durante o Estado Novo ver (e.g., Alexandre, 2017; e.g., Castelo, 2014; Meneses & Oliveira, 2011; Pimenta, 2010). Sobre influência da ideário do Estado Novo no Cinema português ver (Garcia, 2016; Matos, 2013; Piçarra, 2015; Seabra, 2016; Vieira, 2015).

17 A “Metrópole” era a designação oficial de Portugal Continental até 1975, ou seja, os territórios portugueses no continente europeu. Portanto, os portugueses que viviam ou tinham nascido na Europa eram vulgarmente denominados por “metropolitanos”. Após a Revolução de 25 de Abril e a consequente independência das ex-colónias portuguesas, o termo perdeu o seu valor institucional.

porque por iniciativa própria tinham submetido uma proposta para a produção de um filme, geralmente, cabia ao Ministério do Ultramar (MU) e à Agência Geral do Ultramar (AGU) aceitar ou recusar estes projetos. Depois, durante a execução dos projetos, prospectavam o mercado local ou eram abordados por outras instituições (privadas e públicas) para o desenvolvimento de novos trabalhos. Desta forma, era frequente voltarem a filmar nesses territórios porque traziam de volta novas encomendas ou porque após tomarem contacto com a realidade local, apresentavam novos projetos às autoridades em Lisboa.

Para além das encomendas já garantidas, estas deslocações representavam, por vezes, um rendimento “extra”, pois rentabilizavam as suas estadias efetuando outros documentários/reportagens, como é exemplo os filmes sobre a digressão do clube Benfica. Além disso, era também frequente montarem outros documentários a partir dos “restos” das filmagens. Posteriormente, procuravam exibí-los e tentavam vendê-los a instituições públicas (e.g., Juntas de Exportação; Câmaras Municipais) e privadas (empresas com interesses em África). Era mais fácil vendê-los pois já estavam finalizados e assim o cliente via o produto terminado e completo, o que em muitos casos era mais barato do que uma encomenda.<sup>18</sup>

No final da década de 1940 e início da década de 1950, o facto dos produtores-realizadores metropolitanos terem pouca ou nenhuma concorrência por parte das empresas cinematográficas nas colónias granjeava-lhes uma posição de vantagem no mercado dos “filmes coloniais”.

Com efeito, oito meses depois de ter partido nessa primeira ida ao Ultramar, numa entrevista concedida ao *Diário Popular* em Lisboa, De Solms revelou estar a montar novos filmes com o material que trouxera dessa viagem e ter já em carteira novas encomendas de filmes em Moçambique e em Angola resultantes dessa sua primeira estadia.

“A África portuguesa é um manancial de cinematografia... Por assim o compreenderem, em setembro findo seguiram para África os produtores Felipe de Solms e Ricardo Malheiro (...) (Felipe de Solms) Vem tratar de assuntos relacionados com a sua missão e constituir uma nova equipa para trabalhos projectados na África do Sul, devendo voltar a Lourenço Marques dentro de duas semanas (...) constituiu as suas equipas com gente portuguesa, entre a qual se podem contar Carlos Marques, João Mendes, Alfredo Gomes, João Silva, Luís Barão e os locutores Pedro Moutinho e Carlos de Jesus. Tem, ainda, a colaboração da Lisboa Filmes e da Tobis Portuguesa. Pouco depois do seu

---

18 Sobre este modus operandi ver, por exemplo, os testemunhos de João Silva – cineasta português radicado em Angola que trabalhou com ambos os produtores e mais tarde foi colaborador da Telecine – África pertencente ao grupo de Galveias Rodrigues Telecine – Moro (Silva et al., 2008); e também (Convents, 2011) que descreve como outros produtores e empresas cinematográficas operavam de forma semelhante em Moçambique.



regresso a Lisboa falámos com o conhecido produtor que se mostrou encantado com a missão de que o investiram.

- Com Ricardo Malheiro – disse-nos – Parti há oito meses para África. A sua equipa ficou em Angola e a minha em Moçambique. Levávamos uma missão: produzir filmes de propaganda colonial e, por isso, demos preferência aos documentários...A Junta de Exportação da Colónia de Moçambique – acrescenta – encarregou-me de outras tarefas e estão prontos, devendo ser exibidos, em breve em espetáculos de gala, documentários sobre a copra, óleos, madeiras, sisal, frutas e açúcar. Em montagem estão também três documentários: Caminhos de Ferro e Camionagem, Portos e DETA.... Prepararam-se igualmente outros filmes do mesmo género: dos CTT, algodão, caça, turismo e Missões, este encomendado pelo Sr. Cardeal-Arcebispo D. Teodósio de Gouveia” («As colónias portuguesas possuem ricos elementos etnográficos e folclóricos para grandes trabalhos de cinematografia - declara-nos o produtor Felipe de Solms recém-chegado de Moçambique», 1951).

## 4 A segunda viagem cinematográfica De Solms nas províncias ultramarinas portuguesas

Assim, em meados de 1950 De Solms partiu novamente para Angola e Moçambique, onde durante meses realizou e produziu um novo conjunto de documentários. Durante este período em Lisboa é feita a Revisão Constitucional de 1951.<sup>19</sup> Por isso, podemos observar, que quer no genérico, quer na narração dos filmes, as palavras “império” e “colónias” dão lugar, respetivamente, ao termos “Ultramar” e “Províncias”. Consequentemente, alguns organismos públicos alteraram a sua nomenclatura. Por exemplo, o Ministério das Colónias passou a designar-se Ministério do Ultramar, assim como Agência Geral das Colónias passou a Agência Geral do Ultramar. Um ano depois do artigo do *Diário Popular*, anteriormente mencionado, o *Diário de Luanda* resume da seguinte forma o trabalho realizado por De Solms em Angola e Moçambique:

---

19 A Revisão Constitucional de 1951 foi uma resposta face às pressões externas e também internas, procurando assim terminar com as reivindicações para uma gradual autonomia ou independência das colónias portuguesas. Ademais, a resolução de transformar institucionalmente as colónias em “províncias ultramarinas” e do Império em “Ultramar Português” fundamentava a posição de Portugal na diplomacia internacional que enjeitava o pendur de Estado colonizador - o que permitiu responder negativamente, em 1956, ao secretário-geral da ONU quando este questionou o governo português se administrava territórios que se incluíam no artigo 73 da Carta das Nações Unidas. Por outras palavras, o Estado português podia afirmar que não tinha colónias, mas sim províncias ultramarinas, porque Portugal era uma “nação una e pluricontinental”.

“No curto espaço de 20 meses, percorrendo mais de 120.000 km em carrinha e contando com 465 horas de voo, Felipe de Solms conseguiu produzir nas Províncias Ultramarinas Portuguesas o elevado número de 42 documentários.

Os seus filmes realizados em Angola e Moçambique foram apreciados não só nestas colónias, mas também em Portugal, União Sul-Africana, Rodésias, Congo Belga e África Equatorial Francesa, tendo recebido felicitações dos Delegados do Plano Marshall – E.C.A – UNESCO, SNI, Presidência do Conselho, Agência Geral das Colónias e Ministério das Colónias, tendo a sua vinda a África patrocinada por estas duas entidades.” («Felipe de Solms, o cinema nas províncias ultramarinas e a amizade luso-espanhola», 1951)

“Meses depois, em outubro, a mesma publicação anuncia que Felipe de Solms que se havia fixado residência em Lourenço Marques, acabava de ser nomeado vice-cônsul do seu país (Espanha) em Moçambique”. («Felipe de Solms foi nomeado vice-cônsul da Espanha em Moçambique», 1951).

Assim, entre 1951 e 1952, em Moçambique De Solms produziu (e também realizou alguns) os seguintes documentários: *Quatro Séculos de Evangelização* (1951), encomenda do Arcebispado de Lourenço Marques; *Desportos em Lourenço Marques* (1951); *Ilha de Moçambique - Imagens duma Velha Capital Histórica* (1951) patrocinada pela AGU; *Portos de Moçambique* (1951); *História dos CTT em Moçambique* (1951); *Ao Sul do Save* (1952); *Caminhos do Ar - D.E.T.A.* (1952); *O Comércio na Beira* (1952); *Aspectos duma capital - Lourenço Marques* (1952); *O Comércio na Beira* (1952); *Lourenço Marques de Ontem e de Hoje* (1952); *IV Congresso de Turismo em Lourenço Marques* (1952); *Gorongosa* (1952); e *O Estado Novo em Moçambique* (1952) encomendado pela União Nacional para ser apresentado no Congresso desta organização em Coimbra no dia 28 de Maio de 1952 («Documentário de 900 metros mandado executar pela União Nacional», 1952). Além de que, à semelhança doutros, coproduziu com Ricardo Malheiro a série *Riquezas de Moçambique* (1952) composta pelos episódios 1 – *Nissa*, 2 – *Zambézia*, 3 – *Manica e Sofala*.

No que concerne a Angola, entre 1951 e 1954, De Solms, na maioria das vezes em colaboração com Ricardo Malheiro, foi responsável pelas seguintes produções: *Sisal de Angola* (1951)<sup>20</sup> para a Junta de Exportação da Colónia de Angola; *Acção Missionária em Angola* (1951)<sup>21</sup> para o Ministério do Ultramar; *Beneficiação de Couros em Angola* (1951); *Portos, Caminhos de Ferro e Transportes em Angola* (1951); *Obras da Luso-Dana* (1952); *Sousa Leal* (1952); *Cabinda* (1952); *Algodão* (1953); *Pecuária de Angola* (1953);

---

20 Ver filme completo em <http://www.cinematoteca.pt/Cinematoteca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2656&type=Video>

21 Ver filme completo em <http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/6571/Ac%C3%A7%C3%A3o+Mission%C3%A1ria+em+Angola>

*Minas de Angola* (1953); *Erosão em Angola* (1953)<sup>22</sup>; *Exposição de Angola em Bulavaio* (1953); *Obras Públicas de Angola I e II* (1953); *Colonato de Ceta* (1954) e *Café Angolano* (1954).

Produziu também a curta-metragem, montada por João Silva, *Angola em Marcha* (1952)<sup>23</sup> que deu mote a dois artigos no *Diário de Luanda* que permitem compreender melhor os meios de produção de De Solms nesta “província ultramarina”:

“Na tarde de sábado, no Restauração (cine-teatro), foi exibido o documentário *Angola em Marcha*, das Produções Felipe de Solms, especialmente feito para ser apresentado em Lourenço Marques, durante o IV Congresso Internacional de Turismo Africano. Este documentário mostra-nos vários aspectos desta província através de imagens sugestivas que nos dão a ideia da vida angolana e do seu progresso urbano. Finda a exibição o sr. Artur Lemos Pereira, assistente geral das Produções Felipe de Solms, ofereceu um beberete na sua residência aos jornalistas e outras entidades especialmente convidados para assistirem àquela sessão que nos deixou as melhores impressões”. («A exibição do documentário *Angola em Marcha*», 1952).

“No avião da TAP regressou ontem de Lisboa o operador cinematográfico João Silva, pertencente à brigada de Cinema do produtor Felipe de Solms. No aeródromo enquanto aguardava o despacho das suas bagagens, interpelado acerca da sua futura actividade nesta província disse-nos:

- Já se encontra de novo em Lisboa o produtor Felipe de Solms que, nos Estados Unidos, conseguiu colocar todos os seus documentários de Angola e Moçambique para os programas da televisão americana.

- E quanto aos cinemas?

- Também firmou contrato com uma firma distribuidora, que receberá as nossas produções e, depois, com a locução em inglês, as apresentará na colossal cadeia de cinemas de todo aquele país...

---

22 “Integrada no ciclo das sessões culturais, iniciado pela Associação dos Estudantes no Instituto Superior de Agronomia, realizou-se neste estabelecimento de ensino a exibição do documentário sobre a erosão e a conservação do solo em Angola, assistindo o ministro do Ultramar, professor doutor Marcelo Caetano, e outras altas individualidades. O referido documentário apresentado pela secção de publicidade da Direcção dos Serviços de Economia de Angola e realizado pelo produtor Felipe de Solms, interessou pela especialidade do assunto. («Um filme sobre a erosão e a conservação do solo em Angola», 1953)

23 De acordo com a notícia do *Diário de Luanda*, este foi o 50º documentário realizado em África pela organização de Felipe de Solms. («Um filme de Angola no Congresso Internacional de Turismo Africano», 1952)

- Acerca do filme de fundo *Chikwembo* feito em Lourenço Marques, o que há quanto à estreia?
- Foi apresentado aos distribuidores americanos de Nova Iorque, em sessão privada. Essa cópia foi remetida daquela cidade para Luanda, onde deve chegar talvez no domingo pela via aérea. Em Lisboa tudo se prepara para ser estreada no próximo mês.
- Projectos actuais e futuros?
- Vamos trabalhar mais intensamente e desde já posso dizer que o Solms se fixará com a família. O Carlos Marques fixar-se-á em Lourenço Marques, fazendo parte do mesmo bloco, assim prosseguindo a nossa tarefa em íntima coordenação de esforços para apresentarmos os múltiplos aspectos de Angola e de Moçambique lá fora, onde nem todos ainda conhecem a obra dos portugueses no continente africano.” («A projecção do Ultramar português pelo cinema. O que nos disse o operador João Silva.»), 1952).

Para além dos documentários mencionados, produziu ainda um conjunto de filmes cuja narrativa abarcava mais do que uma das antigas províncias ultramarinas portuguesas, como são os casos de *A TAP em África* (1954); *Frota Mercante Portuguesa* (1954); *Cimentos em África* (1958). Quanto aos documentários *As Letras Descem do Céu* (1953) produzido para a Campanha Nacional de Educação de Adultos, assim como *Acção Missionária em Angola* (1951), são dois exemplos de uma prática recorrente nos filmes coloniais portugueses: a migração de imagens. Nestas duas produções são utilizadas imagens captadas em Angola e Moçambique, algumas das quais já haviam sido utilizadas noutros documentários, por exemplo, em *Chá* (1950) e *Aspectos duma capital - Lourenço Marques* (1952). A título de curiosidade, estas duas curtas-metragens sobre as Missões Católicas em Angola apresentam várias semelhanças com os documentários rodados no Congo Belga onde os missionários europeus, através do Centre Conglais d’Action Catholique Cinématographique (CCACC), e os cineastas belgas desenvolveram uma intensa produção de filmes educativos para e sobre a educação das populações africanas (Ramos, 2020).

## 5 O Sortilégio Africano de Felipe de Solms em Moçambique

Neste período, para além dos mencionados documentários, De Solms estreou-se como produtor de longas-metragens em 1953, com *Chikwembo! - Sortilégio Africano*, anunciado como “o primeiro filme português inteiramente rodado em África”, tendo

sido filmado em Moçambique, Zambézia, Gorongosa, Beira, Marromeu e Kangn'Thole (Cunha, 2018). O “documentário romanceado”, como lhe chamou Lopes Ribeiro, foi realizado entre 1951 e 1952 por Carlos Marques e estreou a 31 de agosto de 1953 no Tivoli em Lisboa. Tal como o épico *Chaimite* (1953), parcialmente rodado em Moçambique, foram os dois primeiros filmes de fundo ficcionais coloniais portugueses após a *Feitiço do Império* (1940). Foram também os únicos de iniciativa da propaganda estatal. No entanto, ao contrário dos demais, *Chikwembo!* (1953) nasceu de uma iniciativa privada e assim foi produzido. A crença no sucesso deste projeto levou o produtor ao EUA em agosto de 1952 onde tentou vender uma cópia do filme a um estúdio. («A venda uma produção Moçambicana nos E.U.», 1952) Uma nota curiosa é o facto da esposa do produtor, Odette Claude Solms, ter integrado a equipa técnica como anotadora.

Felipe de Solms tem consciência das diversas opiniões e correntes que se vão formando sobre o aproveitamento propagandístico de imagens ultramarinos. Enquanto uns defendem que esses registos visuais deveriam ilustrar as precárias condições de vida da população local, outros insistem em que deveriam exibir os investimentos realizados pela potência colonizadora. Neste contexto, surgem as afirmações proferidas por Baptista Rosa em 1952, ainda durante a produção do filme, referindo-se a De Solms como alguém que desmentiu “a incompreensível indiferença que durante tantos anos levou os cineastas portugueses a virarem costas ao desmedido interesse da terra africana” (Rosa, 1952). De facto, De Solms apresentava da seguinte forma a sua posição e a importância do seu trabalho no Ultramar:

“Desde a primeira hora, senti que Portugal estava por revelar aos portugueses. Sobretudo, esse Portugal estranho, e distante, misto de lenda, história, de fantasia e de realidade. Por isso mesmo, resolvi atravessar o Oceano e seguir na África misteriosa.... Levei comigo, felizmente, alguns companheiros. Bons técnicos e bons amigos. Juntos, fomos avançando, palmo a palmo, metro a metro pela África criada e erguida pelos colonos de Portugal.... Tenho a satisfação de ter contribuído um pouco – com o meu esforço e com o esforço dos meus companheiros - para mostrar ao Mundo a África portuguesa, em dezenas e dezenas de documentários sobre os mais diversos assuntos.

Depois, surgiu, como era natural, um filme de fundo. Ele aí está! Intitula-se *Chikwembo!* – Sortilégio Africano e é, também, uma história de África. Melhor, uma história vivida em África, no ambiente grandioso, brutal e verdadeiro da própria selva. Eu e todos fizemos o melhor que soubemos e pudemos, para que o filme retrate fielmente a África Portuguesa de hoje.” (De Solms, 1952).

No ano seguinte, estreou o primeiro filme de fundo realizado por outros dos seus colaboradores habituais, *O Costa d'África* (1954) de João Mendes. Embora não seja filmado ou ambientado em África, nesta produção são abordados vários aspetos através

da personagem de Vasco Santana que ajudam a compreender os estereótipos de que os “africanistas” eram alvo em Portugal Continental, ou pelo menos ajudam a contextualizar os comportamentos “do” e “para” com o “colono”. No mesmo ano, produziu para a Campanha Nacional de Educação a curta-metragem *Portugueses no Mundo* (1954) também realizada por João Mendes com imagens de todos os territórios ultramarinos portugueses.

De volta a Portugal Continental, após a intensa estadia profissional em Moçambique, De Solms voltou a fixar residência na metrópole, nomeadamente, no Chalet “La Ratouniche” na Flamenga (Loures).<sup>24</sup> Torna-se, assim, vizinho de João Mendes na freguesia da Ramada em Odivelas (Mendes, 2020).

Na verdade, De Solms, embora com os projetos em África, manteve-se sempre ligado a Portugal, prova disso foi a igualmente profusa atividade cinematográfica na metrópole. Dentre os trabalhos produzidos destaca-se a série *Zé Analfabeto*<sup>25</sup> realizada por Carlos Marques e protagonizada por Vasco Santana para a Campanha Nacional de Educação de Adultos (CNEA); e os documentários industriais e turísticos realizados por João Mendes<sup>26</sup>, entre os quais, *Portugal dos Pequenitos* (1959)<sup>27</sup>.

## 6 A década de 1960: os filmes de fundo e o regresso a África

No início da década de 1960, De Solms e João Mendes parecem ter encontrado um nicho de mercado que lhes rende várias encomendas. Por conseguinte, até 1964 ano em que Mendes ingressa na Telecine – Moro<sup>28</sup>, são responsáveis por um conjunto de filmes turísticos e industriais que fazem deles, dois dos maiores produtores e realizadores destes géneros de filmes em Portugal.<sup>29</sup> No Ultramar, dentro deste género de filmes, De

---

24 PT/TT/SNI-DGE/22/1/125

25 Ver episódio <http://www.cinamateca.pt/Cinamateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=7487&type=Video>

26 Por exemplo as curtas-metragens *Açores* (1957); *Minho* (1957); *Peles* (1959); *O Sobreiro* (1959).

27 Documentário panagírico, com a locução de Pedro Moutinho, ao Ultramar português realizado em Coimbra. *O Portugal dos Pequenitos*, PT/TT/SNI-DGE/22/2/34, 07 outubro de 1959.

28 A Telecine – Moro foi uma produtora de cinema e publicidade portuguesa criada em 1964 após a associação entre a Telecine portuguesa e as empresas espanholas Producciones Moro S.A.R.L. e Movierecord S.A. Esta empresa fundou no início da década de 1970 duas subsidiárias: a Telecine – África em Luanda (Angola) e a Telecine – Moçambique em Lourenço Marques (atual Maputo).

29 (Martins, 2011) Produz entre outros os documentários, *Um Vinho de Portugal* (1960); *A Empresa e o Homem* (1962); *Portugal, Roteiro do Sol* (1961) ou *Homens e Máquinas* (1964).

Solms produz *Congresso Turístico Africano* (1962); *Couros de Angola* (1962) e *Aspectos de Nova Angola* (1967).

A década de 1960 foi, também, para De Solms uma época de consagração como produtor de filmes de fundo. Nesta área do cinema trabalhou com alguns dos realizadores e atores mais reconhecidos no panorama televisivo e cinematográfico português.

Em 1962, De Solms produziu o documentário *Caminhos de Nossa Senhora da Peneda* (1962) e estreou duas longas-metragens. Primeiro, a comédia realizada por Perdigão Queiroga, que teve como assistente João César Monteiro, *O Milionário* (1962)<sup>30</sup>, na qual Raúl Solnado interpreta o papel de um fabricante e vendedor de palitos. Em segundo, o drama ficcional *Retalhos da Vida de um Médico* (1962) realizado por Jorge Brum do Canto premiado pelo SNI com o Grande Prémio e o Prémio do de Melhor Adaptação ao Cinema. Na realidade, a produção destes dois filmes adveio de um pedido de Filipe de Solms ao SNI com vista à produção de quatro longas-metragens, dois dos quais, *Os Pescadores* e *O Barão*, não foram apoiados e, por conseguinte, não foram realizados.<sup>31</sup>

Até 1963, De Solms viu outros subsídios serem-lhe negados, sobretudo para a produção de longas-metragens ficcionais, como *A Revolta* (1952)<sup>32</sup>; *Esta Doce Terra* (1961)<sup>33</sup>; *Vento na Planície* (1962)<sup>34</sup>; *Noite de Núpcias* (1962)<sup>35</sup>; *Domingo, Segunda e Terça* (1963)<sup>36</sup> que seriam realizados, respetivamente, por Carlos Marques, Fernando Lopes, Jorge Brum do Canto, Fernando Garcia e António Lopes Ribeiro.

Além destes, o realizador-produtor teve ainda outro projeto que não se materializou, nomeadamente, "Manda". Carlos Alves, deputado por Angola à Assembleia Nacional (em Uíge, Carmona, Congo Português) e autor do romance "Manda" pretendia que o seu livro fosse adaptado para o Cinema por Felipe de Solms. Neste sentido, deram entrada para um pedido de subsídio em 1963. Posteriormente, Alves solicitou diretamente ao Chefe do Governo António de Oliveira Salazar, o aumento da verba para mil contos. O pedido foi recusado.<sup>37</sup>

No ano seguinte, De Solms estreou outra produção: o drama sentimental *Ribeira da Saudade* (1963) rodado em 1961 na ilha da Madeira e realizado pelo seu amigo e

---

30 Ver <http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/2264/O+Milion%C3%A1rio>

31 PT/TT/SNI-DGE/22/1/125, Secretariado Nacional de Informação, IGAC, cx. 679, proc. 4.

32 PT/TT/SNI-DGE/22/1/112, Secretariado Nacional de Informação, IGAC, cx. 684, proc. 4.

33 PT/TT/SNI-DGE/22/1/85, Secretariado Nacional de Informação, IGAC, cx. 689, proc. 11.

34 PT/TT/SNI-DGE/22/1/123, Secretariado Nacional de Informação, IGAC, cx. 679, proc. 3.

35 PT/TT/SNI-DGE/22/1/124, Secretariado Nacional de Informação, IGAC, cx. 679, proc. 3.

36 PT/TT/SNI-DGE/22/1/63, Secretariado Nacional de Informação, IGAC, cx. 690, proc. 6.

37 PT/TT/AOS/E/0007/00030, Arquivo Oliveira Salazar, AOS/CP-007, cx. 864, f. 253-259.

colaborador João Mendes. Meses depois, começou a ser rodado outro dos seus projetos, a comédia *Aqui há Fantomas* (1964) realizada por Pedro Martins e escrita por Henrique Santana e Ribeirinho. Neste ano, estreou o filme *Fado Corrido* (1964)<sup>38</sup>, um drama realizado por Jorge Brum do Canto com o argumento adaptado de “Gaivotas em Terra”, de David Mourão-Ferreira. A interpretação dos papéis principais foi assegurada por Amália Rodrigues e pelo próprio Jorge Brum do Canto. A narrativa do filme gira em volta do fidalgo *bon vivant* D. Luís que se apaixona pela fadista Maria do Amparo. Porém, o seu amor deixa de ser correspondido logo após chegar de África o antigo companheiro da fadista. Amália Rodrigues interpreta alguns fados e Carlos Paredes é responsável por outros tantos solos de guitarra.

Em 1965 numa entrevista concedida a Carlos Resende, no Hotel Estoril Sol, perto do “décor” onde em breve iria rodar o seu novo filme, Jean Leduc explicava a parceria profissional que desenvolveu com Felipe de Solms.<sup>39</sup> Revela que dois anos antes os dois travaram amizade e daí surgiu fazerem uma co-produção. Porém, a concretização do projeto demorou dois anos, durante os quais Leduc realizou para Solms *Irei a Almoçageme* (1964) e *A Oliveira e a Pirite* (1965). Sobre o projeto que mais tarde resultou na co-produção luso-francesa *Via Macau* (1966)<sup>40</sup>, Leduc explica:

“...pensei rodar a película ‘Veronique vient à Macao em Lausana’ em Lausana, na Suíça, dado que o argumento exigia a localização de uma cidade onde, habitualmente, tivessem lugar conferências internacionais. No entanto Solms continuava a escrever-me lembrando a nossa ideia. Considerei o caso e conclui que, afinal, Lisboa é também uma capital cosmopolita. Não hesitei mais e cá estou.” (Resende, 1965).

---

38 Ver filme completo em

[https://www.youtube.com/watch?v=r3pC19bdax0&ab\\_channel=MundoemPortugu%C3%AAs](https://www.youtube.com/watch?v=r3pC19bdax0&ab_channel=MundoemPortugu%C3%AAs)

39 Ver a reportagem sobre a rodagem do filme em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/rodagem-do-filme-via-macau/>

40 Ver sinopse de Via Macao (1966) em <http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/3203/Via+Macao>





Figura 1. Poster do filme Via Macao (1966). Fonte: [en.unifrance.org/movie/7469/via-macao](http://en.unifrance.org/movie/7469/via-macao)

Em *Via Macao* (1966) “vemos Roger Hanin — o ‘Tigre’ dos trabalhos menores de Chabrol — ao lado de Françoise Prévost e diversos portugueses, como Varela Silva e Paiva Raposo. Nela vemos algumas imagens documentais de Macau, mas inseridas no mesmo clima exótico, misterioso, da lenda macaense, onde voltam a confluír os traficantes, os agentes, as mulheres fatais e os olhos amendoados dos orientais, anjos e demónios. Nada de novo, portanto. Mas atente-se noutra das coincidências desta paixão francesa: Jean Leduc tinha rodado, antes deste *Via Macau*, um banal *Trânsito em Saigão* (*Transit à Saigon*, 1963), agora em co-produção com o Vietname. Sugiro uma regra de três: *Trânsito em Saigão*, está para *Via Macau* como *Les Pirates du Rail* (1938) estava para *Macao, l'enfer du jeu* (1939)” (Pina, 1991).

Aquando da estreia de *Via Macao* (1966) em julho de 1966 no Monumental, em Lisboa, estava já em rotação outra co-produção – agora com a Angola Filmes - de De Solms, desta feita uma paródia aos filmes de espões intitulada *Operação Dinamite* (1967). Para realizar este filme de espionagem De Solms recorreu novamente a Pedro Mendes.

Com um elenco recheado de nomes sonantes do teatro de revista e uma banda sonora composta por canções de, entre outros, Simone de Oliveira e Duo Ouro Negro, *Operação Dinamite* foi filmado em Lisboa, em Cascais, na Arrábida e ainda em Luanda num ambiente de ação, espionagem e comédia. A história do filme centra-se na temerária missão do agente secreto americano Max (interpretado por Nicolau Breyner) “que desafia todos os perigos no decorrer duma luta sem tréguas, para se apoderar dum dossier secreto, roubado dos arquivos do Pentágono, e que se suspeita ter caído nas mãos dum bando de espões que atuam em Lisboa, e pretendem levá-lo para o

Oriente.”<sup>41</sup> O filme cuja estreia teve lugar a 19 de abril de 1967, no cinema Odéon em Lisboa, teve a cobertura da RTP.<sup>42</sup>



Figura 2. Poster do filme Operação Dinamite (1967). Fonte: [imdb.com/title/tt0060796](http://imdb.com/title/tt0060796)

Em 1967, começaram as rodagens em Angola da segunda co-produção internacional (Itália, França e Portugal) de De Solms no Ultramar português depois de *Via Macao* (1966), *Capitaine Singrid* (1968)<sup>43</sup>. Esta produção – “1º filme internacional rodado em Angola” («Estreou-se finalmente em Luanda o primeiro filme internacional rodado em Angola», 1969) – dirigida por Jean Leduc foi totalmente filmada em solo angolano e conta a história da capitã Singrid, uma socialite riquíssima que dirige a S.E.R.P., uma suposta empresa de relações públicas que, na verdade, é apenas uma cobertura para atividades secretas: inteligência, espionagem, etc. Sob o disfarce da organização uma campanha de promoção de turismo num pequeno país africano, a empresa tem a tarefa de encontrar um pacote de diamantes caídos nas mãos de um bando de mercenários desempregados, liderados pelo comandante de Saint-Robert e pelo capitão Tarquier. Apesar de não ter sido aplaudido pela crítica o filme foi distribuído em vários países da Europa e dos continentes americanos.

O Fundo do Cinema Nacional, um organismo oficial que subsidiava a produção de filmes portugueses, apoiou o filme, mas isso não impediu que houvesse sérias dificuldades para a sua estreia em Lisboa e em Luanda. O facto de Angola poder ser confundida com o “país imaginário” onde decorre a ação, independentemente de não se ouvir uma palavra em português, colocou entraves à exibição do filme em solo nacional. “Desta forma, as maravilhosas paisagens de Angola que emolduram todo o filme, não têm

---

41 Ver <http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/2036/Opera%C3%A7%C3%A3o+Dinamite>

42 Ver as imagens da estreia de *Operação Dinamite* (1967) em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/estreia-do-filme-operacao-dinamite/>

43 Ver filme completo em [https://www.youtube.com/watch?v=BKdfa-5f9Rk&ab\\_channel=VintageClassics-FilmCompletenFran%C3%A7ais](https://www.youtube.com/watch?v=BKdfa-5f9Rk&ab_channel=VintageClassics-FilmCompletenFran%C3%A7ais)

qualquer identificação, perdendo-se o efeito da divulgação turística pretendida porque, a situar-se tão estranho imbróglio ali, o feito resultaria contraproducente.” («Estreou-se finalmente em Luanda o primeiro filme internacional rodado em Angola», 1969) O filme estreou em França a 3 de julho de 1968, e a 15 de agosto na Alemanha Ocidental, por exemplo, mas apenas estreou em Luanda a 9 de janeiro de 1969, no Cinema Império e a 28 de março de 1970 em Portugal.<sup>44</sup>



Figura 3. Poster do filme *Capitaine Singrid* (1968). Fonte: [themoviedb.org/movie/509836-captaine-singrid](https://themoviedb.org/movie/509836-captaine-singrid)

No ano de estreia de *Capitaine Singrid* (1968), De Solms estava já envolvido noutra produção internacional. Com efeito, foi convidado pelo prestigiado realizador-produtor italiano Ettore Scola e pela sua equipa para participar nas rodagens e ser o “organizador das capturas no território africano” (como consta nos créditos finais) que compõem a comédia *Riusciranno i nostri eroi a ritrovare l'amico misteriosamente scomparso in Africa?* (1968)<sup>45</sup>, distribuída em Portugal com o título *Um italiano em África*. Segundo Paulo Cunha (2018), o conhecimento que De Solms tinha sobre o território angolano fora fundamental para a sua contratação. Neste filme, a sua mulher Odette, que nos créditos finais aparece como Claude de Solms, interpreta a personagem de Florinda a mulher do colono Fernando. Entretanto, em Portugal Continental co-produziu o filme de paródia à série televisiva norte-americana *Bonança & Ca.* (1969) realizada por Pedro Martins em 1968.

Ainda no ano de 1968, Felipe de Solms “convidou” novamente Jean Leduc para filmar no Ultramar português:

---

44 Ver [https://www.imdb.com/title/tt0061446/releaseinfo?ref=tt\\_dt\\_dt](https://www.imdb.com/title/tt0061446/releaseinfo?ref=tt_dt_dt)

45 Ver filme completo em [https://www.youtube.com/watch?v=gAU0bOlgCQI&ab\\_channel=Film%26Clips](https://www.youtube.com/watch?v=gAU0bOlgCQI&ab_channel=Film%26Clips)

“Felipe de Solms chamou pela primeira vez Jean Leduc a Portugal para dirigir uns documentários encomendados pela CUF. Depois, para realizar dois filmes de fundo luso-franceses: *Via Macao* e *Capitaine Singrid* (este último rodado inteiramente em Angola e ainda por estrear). Agora, a colaboração entre o produtor espanhol e o realizador francês em terras de Portugal prossegue com um documentário de longa-metragem sobre Angola, encomendado pelo Ministério do Ultramar, e que receberá o título francês de *L’oiseau moquer* (em português ‘O pássaro trocista’). O documentário abrange as cidades angolanas de Luanda, Moçâmedes, Lobito, Benguela, e ainda a reserva de caça do Yona, as quedas do Duque de Bragança e as florestas de Cabinda.” («Felipe de Solms chamou de novo o realizador francês Jean Leduc para dirigir em Angola um documentário encomendado pelo Ministério do Ultramar», 1968).

Dos trabalhos cinematográficos em Angola produzidos por De Solms e realizados por Jean Leduc resultaram os documentários *Danse et Folklore de l’Angola* (1970); *Angola a Olho de Pássaro*, também conhecido por *L’Angola à l’Oeil d’Oiseau* e *L’Angola à tire d’aile* (1971); *Ritmos de Luanda* (1971). Todas estas obras tiveram distribuição internacional, como noticiava a Revista Celuloide em 1972:

“Nos écrans dos cineastas franceses estão, neste momento e simultaneamente, a ser projectados três documentários de Felipe de Solms sobre Portugal. *Des Portugais*, com fotografia de Acácio de Almeida e premiado no Festival de Tarbes, acompanha o filme *Pas folle la guêpe* (1972). A dar introdução a *Decameron* (1971), película de grandes plateias, projecta-se *L’Angola à tire d’aile* (1970). E por último, a acompanhar *Un meurtre c’est un meurtre* (1972), as *Dances et folklore d’Angola*” («Três documentários sobre Portugal estão a ser projectados nos cinemas franceses», 1972).

Além disso, os dois foram responsáveis pela “reportagem” *Le Portugal D’Outremer Dans Le Monde D’Aujourd’Hui* (1971) na qual é entrevistado Marcello Caetano e que foi filmada em todas as províncias ultramarinas portuguesas.

Neste período os dois filmaram ainda os documentários *Os Portugueses* (1970)<sup>46</sup> e *O Recruta* (1971). Note-se que e à semelhança de outros realizadores, como Jean Noel Pascal Angot, muitas das imagens capturadas em solo ultramarino são utilizadas em mais do que um documentário.

---

46 Documentário realizado por Jean Leduc com a produção e argumento de Felipe de Solms que se propôs a fazer um retrato sociológico do povo português. O filme foi premiado no Festival Internacional de Tarbes, foi distribuído internacionalmente com o nome “Les Portugais”. PT/TT/SNI-DGE/22/2/20, Secretariado Nacional de Informação, IGAC, cx. 673, proc. 20.

De acordo com a nossa investigação, os últimos trabalhos cinematográficos de De Solms na África portuguesa foram *Suricata - Deserto do Namibe* (1971) realizado pelo francês Pierre Grunstein<sup>47</sup> e *Guiné II* (1972) realizado e produzido por si. No que concerne à metrópole, a sua derradeira produção foi o filme publicitário *Gazcilda* (1972).

De acordo com João Carlos Mendes, filho do seu amigo, colaborador e vizinho de longa data, João Mendes, De Solms nos últimos anos da sua vida fixou residência na cidade vizinha de Cannes, La Cannelle onde viria a falecer. (J. C. Mendes, comunicação pessoal, 12 de Outubro de 2020) De facto, o seu testemunho é convergente com o de João Pedro Bénard que afirma que Solms se estabeleceu em França no início da década de 1970 e se reformou da atividade cinematográfica (Herederó et al., 2011, p. 144).

Analisando o contexto da evolução da atividade cinematográfica portuguesa no início da década de 70, constata-se que Solms encontra nesta altura alterações à forma como estava habituado a trabalhar e que o vão levar a optar por abandonar o país: uma maior expansão da Televisão em Portugal; o facto de o Estado ter privilegiado os contractos com a franco-belga “International Audio Vision” de Pascal Angot para a produção documentários de propaganda em África e na Metrópole; e o aumento da concorrência interna, mais concretamente da Telecine – Moro, para onde foram trabalhar a tempo inteiro a quase totalidade dos seus colaboradores habituais, como Carlos Marques, Pedro Moutinho e João Mendes. Tudo isto pode ter originado uma quebra no seu volume de trabalho e conseqüentemente do seu rendimento. Note-se, por exemplo, que em 1970 foi-lhe negado um subsídio para a produção do filme turístico *Helivision* sobre o triangulo Ericeira, Estoril, Sintra.<sup>48</sup>

## 7 Felipe de Solms na História do cinema português à guisa de conclusão

Felipe de Solms foi entre as décadas de 1950 e 1960 uma figura de relevo no panorama cinematográfico português. As suas produções são hoje uma importante fonte documental para a interpretação e compreensão do contexto político, cultural, económico e geográfico de Portugal e dos seus antigos territórios ultramarinos. Nas suas obras estão registadas como “memória material e imaterial” diversas realidades - tais como paisagens naturais e populacionais, projetos urbanísticos, infraestruturas portuárias, ferroviárias e aeroportuárias, empreendimentos empresariais, industriais e

---

47 Conhecido pela produção de blockbusters como *Alexandre, o Grande* (2004) ou *Astérix e Obélix: Missão Cleópatra* (2002). Ver <https://www.imdb.com/name/nm0344641/>

48 PT/TT/SNI-DGE/22/2/18, Secretariado Nacional de Informação, IGAC, cx. 673, proc. 18.

agrícolas, cuja análise proporciona uma melhor compreensão sobre a forma como se representava o desenvolvimento de um país nas décadas de 1950, 1960, até 1974 e como se foi concretizando uma política económica e social que assentava em pressupostos correspondentes a uma determinada mentalidade nesse período da história portuguesa. Além disso, este estudo permite conhecer a vida de Solms e a sua múltipla carreira em Portugal, como um dos impulsionadores da atividade cinematográfica. Com efeito, o presente trabalho demonstra claramente que também foi o responsável direto pelas estreias de vários realizadores portugueses na direção de documentários e longas-metragens, como os já referidos Pedro Martins, Carlos Marques e João Mendes.

Ao longo deste texto foram sendo indicados os projetos executados e que podem ser analisados, tanto nos arquivos da Cinemateca e do ANIM tal como nos arquivos da RTP. Todavia, é de salientar que há referências a outros projetos cinematográficos que ficaram por concretizar. Essas iniciativas apenas pensadas e tentadas, também acrescentam informação sobre a sociedade dessa época, por exemplo, as razões pelas quais foram recusados subsídios a estes projetos revelando alguns dos aspetos do interesse político vigente. A este propósito, Paulo Cunha refere “entre os projetos não concretizados, e foram muitos, interessa recuperar aqui dois: *O Automóvel Corsário* seria a estreia na longa-metragem de Fernando Lopes, em 1961, três anos antes de *Belarmino* (1964). O projeto não foi financiado pelo SNI e por isso não foi concretizado. Três meses depois, em julho de 1961, De Solms tentaria lançar novamente Fernando Lopes na realização de *Fim-de-semana*, uma longa-metragem escrita por José Cardoso Pires. Mais uma vez, o projeto não seria financiado e ficaria no papel. Outro caso muito curioso seria *A Palavra* (1962), um projeto de longa-metragem a ser realizado por Luís de Pina, futuro diretor da Cinemateca Portuguesa entre 1983-1991” (Cunha, 2018).

Em jeito de conclusão, o propósito principal deste artigo é o de contribuir para clarificar e melhor conhecer o Cinema em Portugal e indicar os dados objetivos que irão permitir futuras investigações sobre estas temáticas. Concretamente, o estudo contextualizado da vida pessoal de Felipe de Solms - desde o seu nascimento, ascendência e da sua vida em Portugal e noutros países - e da sua obra cinematográfica, permite conhecer e melhor compreender o seu impacto e contributo para o Cinema da sua época. A partir deste trabalho será possível desenvolver com mais rigor a análise fílmica de um corpus específico de filmes por si realizados, bem identificados e que estejam disponíveis para visionamento, proporcionado assim um complemento ao conhecimento deste período específico com outras fontes adequadas para o mesmo objetivo.

## 8 Bibliografia

- A exibição do documentário Angola em Marcha. (1952, Setembro 15). *Diário de Luanda*.
- A projecção do Ultramar português pelo cinema. O que nos disse o operador João Silva. (1952, Outubro 9). *Diário de Luanda*.
- A venda uma produção Moçambicana nos E.U. (1952, Agosto 27). *Diário de Luanda*.
- Alexandre, Valentim,. (2017). *Contra o vento: Portugal, o império e a maré anticolonial (1945-1969)*. Lisboa: Temas e Debates. Círculo de Leitores. 2017.
- As colónias portuguesas possuem ricos elementos etnográficos e folclóricos para grandes trabalhos de cinematografia—Declara-nos o produtor Felipe de Solms recém-chegado de Moçambique. (1951, Julho 2). *Diário Popular*, 5.
- Castelo, C. (2014). «Novos Brasis» em África: Desenvolvimento e colonialismo português tardio. *Varia Historia*, 30(53), 507–532. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752014000200009>
- Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema. (2018). *A Revolução de Maio. António Lopes Ribeiro (1937)*. A Revolução de Maio Press Kit.
- Convents, G. (2011). *Imagens & Realidade: Os moçambicanos perante o cinema e o audiovisual: Uma história político-cultural do Moçambique colonial até à República de Moçambique (1896-2010)*. Dockanema.
- Cunha, P. (2018, Março 4). Um produtor misteriosamente perdido em África? À pala de Walsh. <https://www.apaladewalsh.com/2018/03/um-produtor-misteriosamente-perdido-em-africa/>
- De Solms, F. (1952, Setembro). Fala o produtor Felipe de Solms. *Imagem*, 30.
- Documentário de 900 metros mandado executar pela União Nacional. (1952, Março 31). *Diário de Luanda*.
- Estreou-se finalmente em Luanda o primeiro filme internacional rodado em Angola. (1969, Fevereiro 4). *Plateia*, 418, 64–65.
- Felipe de Solms chamou de novo o realizador francês Jean Leduc para dirigir em Angola um documentário encomendado pelo Ministério do Ultramar. (1968, Março 9). *Plateia*, 375, 71.
- Felipe de Solms foi nomeado vice-cônsul da Espanha em Moçambique. (1951, Outubro 17). *Diário de Luanda*.

- Felipe de Solms, o cinema nas províncias ultramarinas e a amizade luso-espanhola. (1951, Junho 7). *Diário de Luanda*.
- Ferro, A. (1930). Agitada e sensacional entrevista com Adolfo Hitler, chefe dos nacionalistas-socialistas. <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/30-abr-2020/agitada-e-sensacional-entrevista-com-adolfo-hitler-chefe-dos-nacionalistas-socialistas-9717743.html>
- Garcia, J. L. L. (2016). *A Agência Geral das Colónias/Ultramar e a propaganda no Estado Novo (1932-1974)*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Herederero, C. F., Rodríguez Merchán, E., Giroud, I., Costa, J. B. da, Monterde, J. E., Casares Rodicio, E., Sociedad General de Autores y Editores (Espanya), & Fundación Autor (Eds.). (2011). *Diccionario del cine iberamericano: España, Portugal y América (Vol. 8)*. Sociedad General de Autores y Editores: Fundación Autor.
- Hermenegildo, V. F. i. (2015). El ferrocarril estratègic i secundari d'Alacant, l'avantsala del frau del Santander—Mediterraneo. Assaig general per una estafa. *Aguaitz*, 35, 55–78.
- Martins, P. M. (2011). *O cinema em Portugal: Os documentários industriais de 1933 a 1985*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Matos, P. F. de. (2013). *The Colours of the Empire: Racialized Representations during Portuguese Colonialism*. Berghahn Books.
- Mendes, J. C. (2020, Outubro 12). Jornalista, Cineasta, Publicitário e Chef nas horas vagas, a vida de João Mendes contada pelo seu filho João Carlos Mendes [Comunicação pessoal].
- Meneses, Filipe Ribeiro de, & Oliveira, Pedro Aires,. (2011). *A Primeira República Portuguesa: Diplomacia, guerra e Império*. Lisboa: Tinta-da-China. 2011.
- Moreno Cantano, A. C. (2017). El incidente Daranas-Solms: La disputa por la política informativa franquista en París en 1942. *RIHC. Revista Internacional de Historia de la Comunicación*, 8(1), 113–131. <https://doi.org/10.12795/RiHC.2017.i08.06>
- Piçarra, M. do C. (2015). *Azuis ultramarinos: Propaganda colonial e censura no cinema do Estado Novo*. Edições 70.
- Pimenta, F. T. (2010). *Portugal e o século XX: Estado-Império e Descolonização (1890-1975)*. Afrontamento.
- Pina, L. de. (1991). Macau: Em busca do retrato perdido. Em J. N. de Andrade (Ed.), *Macau—Hong Kong: Catálogo (Cinematoteca Portuguesa, pp. 7-21um produtor)*. Oficina de Artes Gráficas Ida.



- Raimundo, O. (2015). *António Ferro: O Inventor do Salazarismo*. Leya.
- Ramos, A. (2020). Portuguese and Belgian Colonial Cinema, the filmography of two small big countries in Africa. *Cahiers d'études africaines*, n° 239(3), 555–583.
- Resende, C. (1965, Outubro 26). Jean Leduc em Portugal à procura de um argumento versando a história de um barco à vela. *Plateia*, 247, 7.
- Rosa, B. (1952, Setembro). África e o Cinema Nacional. *Imagem*, 30.
- Saldaña, Q. (1930, Outubro 11). El famoso affair de la Compañía Santander—Mediterraneo. *Nueva España*, 18–19.
- Santos Ganges, L., & Lalana Soto, J. L. (2009). *Ferrocarril y territorio: El caso de la Sección 7a del Santander-Mediterráneo*. <http://uvadoc.uva.es/handle/10324/26451>
- Seabra, J. (2016). *O Cinema no discurso do Poder*. Imprensa da Universidade de Coimbra / Coimbra University Press.
- Sené, X. (2003). *La Divine tragédie, projet de film d'Abel Gance*.
- Silva, J., Gomes, F., Pires, A., Caldeira, F., & Sucena, P. (2008). *Rocha Chenaidier (1a ed)*. CGTP-IN.
- Três documentários sobre Portugal estão a ser projectados nos cinemas franceses. (1972, Setembro). *Celuloíde*, 177, 13.
- Um filme de Angola no Congresso Internacional de Turismo Africano. (1952, Setembro 13). *Diário de Luanda*.
- Um filme sobre a erosão e a conservação do solo em Angola. (1953, Março 10). *Diário de Luanda*.
- Vieira, P. (2015). *Portuguese film, 1930 - 1960: The staging of the new state regime* (A. Caja, Trad.; Paperback ed). Bloomsbury Academic.